

**BIOESTRATIGRAFIA DO NEOGENO FINAL COM BASE EM FORAMINÍFEROS
PLANCTÔNICOS**
BIOSTRATIGRAPHY OF THE TERMINAL NEOGENE BASED ON PLANCTONIC
FORAMINIFERA

PORTILHO-RAMOS, R.C.^{1,2}; RIOS-NETTO, A.M.², BARBOSA, C.F.^{1,3}

¹ Programa de Pós-Graduação em Geoquímica Ambiental /Departamento de Geoquímica/Uff

² Laboratório de Bioestratigrafia, Paleoambientes e Paleoclima (LabMicro)/Depto. de Geologia/IGEO/UFRJ.

³ Departamento de Oceanografia/Universidade Federal de Pernambuco

A margem continental Sudeste brasileira é uma das mais importantes em termos de hidrocarbonetos do país e, por essa razão, vem sendo alvo de diversas pesquisas relacionadas à bioestratigrafia, paleoecologia e paleoceanografia. A bioestratigrafia do Neógeno final (Pleistoceno-Holoceno) é ferramenta fundamental no estudo da estabilidade de áreas do talude continental, contribuindo na implantação de plataformas de perfuração e dutos submarinos de óleo/gás. Em 1998, o Cruzeiro Knorr 159-5 (*WHOI - Woods Hole Oceanographic Institution*, EUA) realizou diversas perfurações no talude dessa região, incluindo o platô de São Paulo - bacia de Santos, com o objetivo de ampliar os conhecimentos sobre a evolução do Atlântico Sul. Coletado na porção sul da bacia de Santos durante essa expedição, o testemunho JPC 95 foi analisado, com base na assembléia de foraminíferos planctônicos encontrados em seus sedimentos. Devido à alta sensibilidade a variações ambientais, principalmente na temperatura e salinidade da água dos oceanos, esses organismos são excelentes ferramentas estratigráficas, já que a bioestratigrafia do Neógeno final é baseada nas oscilações climáticas ocorridas nesse intervalo de tempo. Nesse contexto, o presente trabalho teve como objetivo apresentar um arcabouço bioestratigráfico para a porção superior do testemunho JPC-95, levando em consideração a frequência de táxons de foraminíferos planctônicos adaptados a águas quentes e frias ao longo do testemunho. O material de análise foi coletado na altura da ilha de Florianópolis, SC (27°52,73' S 46°55,25' W), sob lâmina d'água de 1.485 m. O testemunho alcançou 18 m de comprimento, dos quais somente os dois metros superiores foram analisados no presente estudo. Em laboratório, as amostras foram lavadas sob água corrente, em peneira com malha 62 µm e, posteriormente, secadas sob temperatura ambiente. Em seguida, cada amostra foi peneirada a seco em peneiras com malha de 125 e 250 µm para triagem e contagem de cerca 300 espécimes de foraminíferos planctônicos. Os cálculos de porcentagem foram realizados para cada táxon de foraminífero com significação bioestratigráfica e/ou paleoclimática. As carapaças foram analisadas sob estereomicroscópio, com aumentos variando de 6,6 a 230 X. Foram reconhecidas as biozonas Y e Z, estando seu limite posicionado entre as amostras 10-11 cm e 20-21 cm. O intervalo estratigráfico correspondente à biozona Z é caracterizado pela presença do plexo menardiforme e foi depositado durante o Holoceno. O intervalo estratigráfico entre 20 cm e 201 cm corresponde à biozona Y e foi depositado durante o Pleistoceno, o que é evidenciado pela ausência do plexo menardiforme, em sedimentos imediatamente sotopostos à biozona Z, sem que haja nenhum indício de erosão entre essas camadas. Foram reconhecidas também as subzonas Y2 e Y1, sendo o limite entre as duas marcado pelo datum conhecido na bibliografia especializada como "terceiro biohorizonte *Pulleniatina obliquiloculata*", que marca o último desaparecimento desse táxon no oceano Atlântico e é datado em 42-45 Ka A.P.